

Tudo é possível

Elizabeth Strout

Tudo é possível

Tradução de Rita Canas Mendes

ALFAGUARA



*Para o meu irmão,
Jon Strout*

Índice

O Letreiro	11
Moinhos	37
Rachada	65
A Teoria do Polegar-Atingido	91
Mary do Mississippi	113
Irmã	143
A Residencial da Dottie	171
Cegueira de Neve	197
Bênção	213

O Letreiro

Tommy Guptill teve, em tempos, uma quinta de produção de leite, herdada do seu pai, a três quilómetros da cidade de Amgash, no Illinois. Foi há muitos anos, mas, por vezes, Tommy ainda acordava de noite com o mesmo medo que sentiu na noite em que a sua exploração ficou destruída num incêndio. A casa também ardeu por completo; não ficava longe das vacarias e o vento soprou as fagulhas na sua direcção. A culpa foi dele — sempre achou que a culpa foi sua —, porque naquela noite não verificou se as máquinas de ordenha estavam devidamente desligadas, e foi aí que o fogo começou. Uma vez ateado, propagou-se furiosamente a todo o lado. Perderam tudo excepto a moldura de latão do espelho da sala de estar, que ele encontrou nos escombros no dia seguinte e deixou onde estava. Fez-se uma colecta: durante várias semanas, os seus filhos foram para a escola com a roupa dos colegas, até Tommy se recompor e reunir o pouco dinheiro que tinha; vendeu a terra ao agricultor vizinho mas não lhe rendeu muito dinheiro. Então, ele e a esposa, uma mulher baixa e bonita chamada Shirley, compraram roupa nova e Tommy também comprou uma casa, e Shirley, de um modo admirável, conseguiu manter-lhe o ânimo enquanto tudo isto se desenrolava. Tiveram de comprar casa em Amgash, uma vila dilapidada, e os seus filhos passaram a frequentar a escola aí em vez de em Carlisle, onde foram admitidos porque a sua quinta ficava mesmo na zona que dividia as duas vilas. Tommy empregou-se como contínuo na rede escolar de Amgash; a estabilidade do emprego

agradava-lhe e nunca seria capaz de trabalhar na quinta de outra pessoa, não tinha estômago para isso. Na altura, tinha trinta e cinco anos.

Agora os miúdos estavam crescidos, eles próprios tinham filhos também crescidos, e ele e Shirley ainda viviam na sua casinha; ela plantou flores em redor da casa, o que era invulgar naquela vila. Aquando do incêndio, Tommy ficou muito preocupado com os filhos; deixaram de viver numa casa que recebia visitas de estudo — todos os anos, na Primavera, os alunos do quinto ano de Carlisle tiravam um dia para isso e comiam os respectivos almoços junto às vacarias, nas mesas de madeira que aí havia, depois percorriam as vacarias para ver os homens a ordenharem as vacas, a substância branca e espumosa a subir e a passar por cima deles através dos tubos de plástico transparentes — e passaram a ver o pai como o homem que varria o «pó mágico» que era atirado para cima do vomitado de um miúdo qualquer que tinha ficado maldisposto nos corredores, vestido com umas calças cinzentas e uma *T-shirt* branca com *Tommy* bordado a vermelho.

Bem. Todos eles sobreviveram a isso.



Naquela manhã, Tommy conduziu devagar em direcção à vila de Carlisle para tratar de uns assuntos; era um sábado de Maio ensolarado e faltavam poucos dias para a sua mulher fazer oitenta e dois anos. À sua volta apenas havia campos a perder de vista, o milho recém-semeado e também a soja. Vários campos ainda estavam castanhos porque tinham sido lavrados para a sementeira, mas sobretudo havia o céu, azul e alto, com algumas nuvens dispersas junto ao horizonte. Passou pelo letreiro junto à estrada que ia dar a casa dos Barton; ainda dizia COSTURA E ARRANJOS, embora a mulher que costurava e fazia arranjos, Lydia

Barton, já tivesse morrido há muitos anos. A família Barton fora proscrita, mesmo numa vila como Amgash, devido à sua pobreza extrema e bizarria. Agora, o filho mais velho, um homem chamado Pete, vivia aí sozinho, a filha do meio a duas vilas de distância e a mais nova, Lucy Barton, tinha fugido há muitos anos e acabou a viver em Nova Iorque. Tommy ficou algum tempo a pensar em Lucy. Em todos aqueles anos em que ficou na escola depois das aulas, sozinha na sala de aula, desde a quarta classe até ao último ano do liceu; foram precisos muitos anos para conseguir olhar para ele nos olhos.

Naquele momento Tommy conduzia pela zona onde ficava a sua quinta — hoje em dia apenas havia campos de cultivo, não restava um único sinal da quinta — e pensou, como fazia muitas vezes, na sua vida naquele tempo. Fora uma vida boa, mas ele não lamentava o que tinha acontecido. Não fazia parte da natureza de Tommy lamentar fosse o que fosse, e na noite do incêndio — por entre o seu medo galopante — compreendeu que tudo o que lhe importava neste mundo era a mulher e os filhos, e pensou que havia pessoas que passavam uma vida inteira sem o saber de um modo tão claro e constante como ele o sabia. No seu íntimo, considerava o fogo um sinal de Deus para manter aquela bênção bem próxima de si. No seu íntimo porque não queria que o vissem como um homem que inventava desculpas para uma tragédia; e não queria que ninguém — nem sequer a sua querida mulher — pensasse que o fazia. Mas naquela noite sentiu, enquanto a sua mulher protegia os filhos do outro lado da estrada — ele apressara-se a tirá-los de casa quando viu que a vacaria estava em chamas — e ele via as labaredas enormes a agitarem-se no céu nocturno e depois ouviu os terríveis mugidos das vacas a morrerem, sentiu muitas coisas, mas só quando o telhado da casa cedeu, se abateu sobre a própria casa, mesmo por cima dos quartos e da sala de estar

do andar de baixo, com todas as fotografias dos filhos e dos seus pais, ao ver aquilo acontecer sentiu — inegavelmente — o que só poderia descrever como a presença de Deus e compreendeu por que motivo os anjos sempre foram retratados como seres alados, porque foi essa sensação — o som de asas a esvoaçar, ou nem sequer um som, e então foi como se Deus, que não tinha rosto, mas era Deus, se tivesse encostado a ele e transmitido sem palavras — muito depressa, fugazmente —, uma mensagem que Tommy entendeu como: *Está tudo bem, Tommy*. E, nesse momento, Tommy compreendeu que estava tudo bem. Era algo para lá da sua compreensão, mas estava tudo bem. E assim foi. Tommy pensava com frequência que os seus filhos se tornaram mais compassivos porque tiveram de andar na escola com crianças pobres e não oriundas de lares como aquele em que nasceram. Desde então, por vezes sentia a presença de Deus, como se uma cor dourada estivesse muito próxima dele, mas nunca mais se sentiu visitado por Deus como naquela noite, e como sabia muito bem o que as pessoas diriam daquilo, decidiu não o revelar a ninguém até morrer — o sinal de Deus.

Contudo, nas manhãs de Primavera como aquela, o cheiro da terra lembrava-lhe o cheiro das vacas, a humidade das suas narinas, o calor das suas barrigas e as vacarias — tinha duas —, e então deixava a mente divagar por entre retalhos de cenas que lhe vinham à memória. Talvez por ter acabado de passar pela casa dos Barton pensou no homem, Ken Barton, o pai daquelas crianças pobres e tristes que por vezes trabalhava para Tommy, e depois pensou — como fazia com mais frequência — em Lucy, que foi para a universidade e acabou a viver em Nova Iorque. Tinha-se tornado escritora.

Lucy Barton.

Ao volante, Tommy abanou a cabeça ao de leve. Sabia muitas coisas porque foi contínuo naquela escola durante

mais de trinta anos; sabia das gravidezes das raparigas e das mães bêbadas e dos cônjuges adúlteros, pois ouvia os alunos a comentarem em pequenos círculos nas casas de banho ou junto ao refeitório; em vários sentidos ele era invisível, e sabia-o. No entanto, Lucy Barton foi quem mais o impressionou. Ela e os irmãos, Vicky e Pete, eram cruelmente ridicularizados pelos outros miúdos e também por alguns professores. Porém, como Lucy permaneceu muitas vezes na escola depois das aulas e durante muitos anos, ele sentia — embora ela raramente falasse — que a conhecia melhor. Uma vez, quando Lucy estava na quarta classe, no primeiro ano em que começou a trabalhar na escola, abriu a porta de uma sala de aula e encontrou-a deitada em cima de três cadeiras juntas, perto dos radiadores, com o casaco a fazer de cobertor e a dormir profundamente. Ficou a olhar para ela, a observar o seu peito a subir e a descer ao de leve, as olheiras escuras, as suas pestanas a formar um leque de pequenas estrelas cintilantes porque as suas pálpebras estavam húmidas, como se tivesse chorado antes de adormecer, e depois recuou devagar, o mais silenciosamente que conseguiu; pareceu-lhe quase indecoroso observá-la naquelas circunstâncias.

Uma vez — recordava-se agora —, ela devia estar a terminar o ensino básico, Tommy entrou na sala de aula e viu-a a desenhar com giz no quadro de ardósia. Parou assim que ele entrou na sala. «Continua», disse-lhe. No quadro via-se o desenho de uma videira com muitas folhas pequenas. Lucy afastou-se do quadro e depois, subitamente, falou com ele: «Parti o giz», disse. Tommy respondeu que não havia problema. «Foi de propósito», afirmou, e esboçou um sorriso antes de desviar o olhar. «De propósito?», perguntou-lhe, e ela anuiu, de novo a esboçar um sorriso. Então, ele foi buscar um pau de giz, partiu-o ao meio e piscou-lhe o olho. Na sua memória, ela *quase* riu. «Foste tu que desenhaste isto?», perguntou-lhe, apontando

para a videira com as pequenas folhas. Nessa altura, ela encolheu os ombros e virou-lhe as costas. Mas, em geral, limitava-se a ficar sentada numa carteira a ler ou a fazer os trabalhos de casa, conseguia ver que era isso que ela fazia.

Parou num sinal de Stop e, em voz alta, disse para si mesmo calmamente: «Lucy, Lucy, Lucy B. Para onde foste, como fugiste?»

Ele sabia como. Na Primavera do último ano em que frequentou o liceu, encontrou-a no corredor depois das aulas e ela disse-lhe, subitamente muito franca e com os olhos arregalados: «Senhor Gupstill, vou para a universidade!» Ao que ele respondeu: «Oh, Lucy. Isso é fantástico.» Ela tinha colocado os braços à sua volta; como não o largava, ele também a abraçou. Nunca se esqueceu daquele abraço porque ela era muito magra — conseguiu sentir os seus ossos e os seios pequenos — e porque, mais tarde, pensou no quanto — quão pouco — aquela rapariga fora abraçada.

Tommy arrancou após o sinal de Stop e entrou na vila; um pouco mais adiante havia um lugar de estacionamento. Tommy estacionou, saiu do carro e semicerrou os olhos devido à luz do Sol.

— Tommy Gupstill — gritou um homem e, quando se virou, Tommy viu Griff Johnson a caminhar na sua direcção com o seu andar característico, pois tinha uma perna mais curta do que a outra e mesmo o sapato compensado não evitava que coxeasse. Griff tinha um braço esticado, pronto para o aperto de mãos.

— Griffith — cumprimentou Tommy, e sacudiram os braços durante muito tempo, enquanto os carros passavam por eles lentamente na Main Street.

Griff era o agente de seguros da vila e fora muito bondoso para com Tommy; quando soube que Tommy não tinha segurado a quinta pelo respectivo valor, Griff disse-lhe: «Conheci-te tarde de mais», o que era verdade.

Mas Griff, com o seu rosto caloroso e, agora, uma grande barriga, continuava a ser bondoso para com Tommy. Na verdade, Tommy não conhecia uma pessoa — pensava ele — que não fosse bondosa para com ele. Enquanto a brisa os envolvia, falaram dos filhos e netos; Griff tinha um neto que andava metido na droga, o que Tommy achava muito triste, e limitou-se a escutar e a anuir, olhando de relance para as árvores que ladeavam a Main Street, com as folhas muito jovens e de um verde-vivo, e depois ouviu-o falar de outro neto que estava a estudar Medicina.

— Ei, isso é ótimo, que bom para ele — disse Tommy. Despediram-se com uma palmada no ombro e seguiram o seu caminho.

Na loja de roupa, com uma sineta que anunciou a sua entrada, Marilyn Macauley estava a experimentar um vestido.

— Tommy, o que te traz por cá?

Marilyn estava a pensar comprar o vestido para o baptizado da neta dali a uns domingos, disse enquanto o puxava por uma ponta; era bege, com rosas vermelhas estampadas; estava sem sapatos, apenas de *collants*. Comentou que era uma extravagância comprar um vestido novo para um evento daqueles mas apetecia-lhe. Tommy — que conhecia Marilyn há muitos anos, dos tempos em que andou no liceu de Amgash — reparou no seu embaraço e respondeu que não achava extravagância alguma.

— Quando puderes, Marilyn, podes ajudar-me a escolher algo para a minha mulher? — pediu.

Nesse momento assumiu uma postura profissional e assentiu, claro que ajudaria, entrou no provador e regressou com a roupa habitual, uma saia preta e uma camisola azul, com os sapatos pretos calçados, e, de imediato, levou Tommy até à secção dos lenços.

— Este — indicou, segurando num lenço vermelho que tinha um padrão com fios dourados.

Tommy pegou nele, mas com a outra mão também pegou noutro, às flores.

— Talvez este — disse.

— Sim, esse faz o género da Shirley — respondeu Marilyn, e então Tommy percebeu que Marilyn gostava do lenço vermelho para ela mas que nunca se permitiria comprá-lo. Durante aquele primeiro ano em que Tommy trabalhou como contínuo, Marilyn foi sempre uma rapariga muito simpática, dizia «Olá, senhor Guptill!» quando o via, e agora tinha-se tornado uma mulher mais velha, nervosa, magra, com a cara chupada. Tommy pensava o mesmo que as outras pessoas, que se devia ao facto de o seu marido ter estado no Vietname e, desde então, nunca mais ter sido o mesmo; Tommy cruzava-se com Charlie Macauley na vila e ele tinha sempre um ar muito distante, pobre homem, e pobre Marilyn também. Tommy segurou por momentos no lenço vermelho com os fios dourados, como se estivesse a ponderar levá-lo.

— Penso que tens razão, este faz mais o género da Shirley. — Levou o lenço com flores até à caixa registadora e agradeceu a Marilyn pela ajuda.

— Acho que vai adorar — comentou Marilyn, e ele respondeu que tinha a certeza de que sim.

De novo na rua, Tommy encaminhou-se para a livraria. Pensou que talvez houvesse um livro sobre jardinagem de que a sua mulher gostasse; já no interior e depois de ter dado uma volta, deparou — mesmo no meio da loja — com um novo livro de Lucy Barton em destaque. Pegou nele — tinha um edifício de uma cidade na capa — e depois olhou para a badana da contracapa, onde estava a sua fotografia. Pensou que não a reconheceria se a encontrasse naquele momento, só porque sabia que era ela é que conseguia identificar-lhe alguns traços, o sorriso, um sorriso ainda tímido. Uma vez mais, recordou-se da tarde em que lhe disse que partiu o giz de propósito, do seu sorriso

peculiar naquele dia. Agora era uma mulher mais velha, na fotografia tinha o cabelo apanhado e, quanto mais olhava para esta, melhor conseguia lembrar-se da rapariga que tinha sido. Tommy afastou-se para deixar passar uma mãe com dois filhos pequenos, que quando passou por ele com os miúdos disse «D'sculpe, com licença» e ele respondeu «Oh, com certeza» e depois pensou — como por vezes fazia — como teria sido a vida de Lucy, tão longe na cidade de Nova Iorque.

Pousou o livro e foi à procura da funcionária para lhe perguntar sobre livros de jardinagem.

— Sou capaz de ter o mais indicado, *acabámos* de receber este.

A rapariga — que já não era uma rapariga, na verdade, mas hoje em dia todas lhe pareciam raparigas — trouxe-lhe um livro com jacintos na capa.

— Oh, é perfeito — exclamou Tommy.

A rapariga perguntou se queria que o embrulhasse, ele respondeu que sim, que seria ótimo, e ficou a observá-la enquanto o envolvia com o papel prateado com as unhas pintadas de azul e a língua ligeiramente de fora, entre os dentes, enquanto se concentrava; colocou a fita-cola e, quando terminou, mostrou-lhe um grande sorriso.

— Perfeito — repetiu Tommy.

— Tenha um bom dia — respondeu ela.

Ele retribuiu, saiu da livraria e atravessou a rua, onde o sol batia; iria falar com Shirley acerca do livro de Lucy; ela gostava de Lucy porque ele gostava. Depois, ligou o motor, fez marcha-atrás e conduziu de regresso a casa.

Tommy recordou-se do rapaz de Johnson, do facto de não largar as drogas, depois pensou em Marilyn Macauley e no seu marido, Charlie, e a seguir a sua mente divagou até ao irmão mais velho deste, que morrera há alguns anos, e pensou no seu próprio irmão — que esteve na Segunda Guerra Mundial, na altura em que os campos foram

evacuados —, em como o seu irmão regressou da guerra um homem diferente; o seu casamento terminou, os filhos tinham-lhe aversão. Pouco antes de morrer, o irmão contou a Tommy o que tinha visto nos campos e que ele e os outros tinham como missão levar os habitantes das vilas para os campos para lhes mostrar. Conseguiram levar um grupo de mulheres da vila até aos campos para lhes mostrar o que tinha acontecido ali, e o irmão de Tommy contou-lhe que, embora algumas tenham chorado, outras ergueram o queixo e mostraram-se zangadas, como se recusassem que as fizessem sentir remorsos. Esta imagem acompanhou sempre Tommy, e perguntou-se porque lhe veio à memória naquele momento. Baixou o vidro da janela até ao fim. Parecia que, quanto mais envelhecia — e estava velho —, mais consciência tinha de que não conseguia compreender a disputa confusa entre o bem e o mal, e que talvez as pessoas não estivessem destinadas a compreender as coisas desta vida.

À medida que se aproximava do letreiro que anunciava COSTURA E ARRANJOS, reduziu a velocidade e virou para a estrada comprida que levava à casa dos Barton. Tommy costumava visitar Peter Barton que, como é evidente, já não era uma criança mas um homem mais velho, desde que Ken — o pai de Peter — morreu. Pete continuou a viver na casa da família, sozinho, e há um par de meses que Tommy não o via.

Conduziu pela estrada comprida, aquele local ficava isolado de tudo, um assunto que ele e Shirley discutiram ao longo dos anos, o isolamento não era bom para os miúdos. Viam-se campos de milho de um lado e plantações de soja do outro. A única árvore — enorme — que havia no meio dos campos de milho tinha sido atingida por um raio há alguns anos e agora estava tombada, com os grandes ramos nus quebrados e a apontar para o céu.

A carrinha estava parada junto à casa pequena, que não era pintada há tantos anos que parecia descolorada, algumas telhas estavam desbotadas e outras, em falta. As persianas estavam corridas, como sempre, Tommy saiu do carro e bateu à porta. De pé ao sol, pensou de novo em Lucy Barton, em como era uma menina muito magra, até custava olhar, no seu cabelo comprido e louro e como quase nunca o olhava nos olhos. Uma vez, quando ainda era muito pequena, entrou numa sala depois das aulas e deu com ela sentada, a ler, e Lucy deu um salto — viu-a mesmo saltar, com medo — quando a porta se abriu. «Não, não, está tudo bem.» Mas foi nesse dia, ao ver o modo como saltou, ao ver o *temor* que se estampou no seu rosto, que percebeu que em casa lhe deviam bater. Só podia ser isso para se ter assustado tanto quando a porta se abriu. Depois de ter chegado a essa conclusão passou a prestar-lhe mais atenção, e havia dias em que reparava naquilo que parecia uma nódoa negra, amarela ou azulada, no seu pescoço ou nos braços. Contou à mulher e Shirley perguntou-lhe: «O que devemos fazer, Tommy?» Ele pensou no assunto, ela também, e decidiram que nada fariam. Mas no dia em que falaram do assunto foi aquele em que Tommy contou à mulher o que viu Ken Barton, o pai de Lucy, fazer anos antes, quando Tommy tinha a quinta de produção de leite e Ken trabalhava com as máquinas de vez em quando. Tommy foi às traseiras de uma das vacarias e surpreendeu Ken Barton pelas costas, com as calças nos tornozelos, a masturbar-se enquanto praguejava... Que visão! «Não quero nada disso aqui, Ken», disse-lhe Tommy, e o homem deu meia-volta, meteu-se na carrinha e foi-se embora, e durante uma semana não regressou ao trabalho.

«Tommy, porque não me contaste isso?», perguntou Shirley, erguendo os seus olhos azuis e fitando-o com horror.

Tommy respondeu que considerou o episódio demasiado terrível para lho relatar.

«Tommy, temos de fazer qualquer coisa», disse-lhe a mulher naquele dia. E falaram mais sobre o assunto e, uma vez mais, decidiram que nada podiam fazer.

A persiana moveu-se ao de leve, a porta abriu-se e ali estava Pete Barton.

— Olá, Tommy — cumprimentou. Pete saiu para a luz do dia, fechando a porta atrás de si, e aproximou-se de Tommy, Tommy compreendeu que Pete não o queria dentro de casa; Tommy sentiu um cheiro a ranço que provavelmente vinha do próprio Pete.

— Estava de passagem e pensei vir ver como estás — disse Tommy de um modo despreocupado.

— Obrigado, estou bem. Obrigado. — Ao sol a sua pele parecia pálida e o cabelo estava quase todo branco, mas era de um cinzento desmaiado que parecia condizer com as telhas esbatidas da casa diante da qual se encontravam.

— Estás a trabalhar na propriedade do Darr? — perguntou Tommy.

Pete anuiu, o trabalho estava quase concluído mas a seguir tinha outro, em Hanston.

— Ótimo. — Tommy semicerrou os olhos na direcção do horizonte, os campos de soja perdiam-se de vista, o seu verde-vivo destacava-se na terra castanha. Ao fundo, mesmo na linha do horizonte, ficava o celeiro da propriedade dos Pederson.

Depois falaram de várias máquinas e também das turbinas eólicas que recentemente tinham sido montadas entre Carlisle e Hanston.

— Parece que vamos ter de nos habituar a elas — disse Tommy.

Pete respondeu que achava que Tommy tinha razão. A única árvore que havia junto ao terreiro da casa tinha

as folhas a despontar e, por instantes, os ramos vergaram-se com o vento.

Pete encostou-se ao carro de Tommy, com os braços cruzados junto ao peito. Era um homem alto mas o seu peito parecia quase côncavo devido à magreza.

— Esteve na guerra, Tommy?

Tommy ficou surpreendido com a pergunta.

— Não — respondeu. — Não, era demasiado jovem, por pouco não fui. Mas o meu irmão mais velho foi.

Os ramos da árvore subiram e desceram muito depressa, apenas uma vez, como se tivessem sentido uma brisa que escapou a Tommy.

— Onde esteve ele?

Tommy hesitou.

— Foi destacado para os campos, no final da guerra, estive no batalhão que foi para os campos em Buchenwald — disse. Tommy olhou para o céu, levou a mão ao bolso, pegou dos óculos e colocou-os. — Ele mudou depois daquilo. Não sei dizer em que sentido, mas mudou. — Deu alguns passos e encostou-se ao carro, ao lado de Pete.

Momentos depois, Pete Barton virou-se para Tommy. Com um tom de voz sem animosidade, nem sequer com o intuito de se desculpar, disse:

— Olhe, Tommy. Gostava que deixasse de cá vir. — Pete tinha os lábios esbranquiçados e gretados e molhou-os com a língua enquanto olhava para o chão. Por instantes, Tommy não teve a certeza de que ouviu bem, mas quando quis começar a dizer «Eu só... » Pete olhou para ele de relance e exclamou: — Vem cá para me torturar e acho que já passou tempo suficiente.

Tommy afastou-se do carro e pôs-se direito, a olhar para Pete através dos óculos de sol.

— Torturar-te? — perguntou Tommy. — Pete, não estou aqui para te torturar.

Nesse momento, uma pequena rabanada de vento levantou o pó da estrada e a terra por baixo dos seus pés rodopiou ligeiramente. Tommy tirou os óculos para que Pete pudesse ver-lhe os olhos; fitou-o muito preocupado.

— Esqueça o que eu disse, desculpe. — Pete baixou a cabeça.

— De vez em quando, gosto de saber como estás — disse Tommy. — Como os vizinhos fazem. Tu vives aqui completamente sozinho. Acho que um vizinho deve aparecer de vez em quando.

Pete olhou para Tommy com um sorriso mordaz.

— Bem, é o único homem que o faz. Ou mulher. — Pete riu; foi um som desconfortável.

Ficaram ambos imóveis, Tommy com os braços descruzados; pôs as mãos nos bolsos e Pete também pôs as mãos nos seus. Pete pontapeou uma pedra e depois virou-se para observar o campo.

— Os Pederson deviam tirar a árvore dali, não sei por que motivo não o fazem. Uma coisa era arar em redor dela quando estava de pé, mas agora, céus.

— Vão tirar, ouvi-os a falarem disso. — Tommy não sabia bem o que fazer, o que era uma sensação estranha para ele.

Ainda a fitar a árvore tombada, Pete exclamou:

— O meu pai esteve na guerra. Ficou todo lixado. — Virou-se e olhou para Tommy, com os olhos semicerrados por causa do sol. — Ele contou-me quando estava à beira da morte. Foi terrível o que lhe aconteceu, e depois... depois disparou sobre aqueles dois alemães, sabia que não eram soldados, eram praticamente miúdos, mas disse-me que todos os dias sentia que devia ter-se suicidado como paga.

Tommy ouviu enquanto olhava para o rapaz — o homem — sem os óculos de sol, que segurava com a mão, dentro do bolso.

— Lamento — disse. — Não sabia que o teu pai esteve na guerra.